

MIC propõe reescalonar também a dívida interna

Da sucursal de
BRASÍLIA

O governo tem de buscar para a dívida interna a mesma solução que está buscando para a externa, ou seja, reescaloná-la para prazo compatível com as necessidades de funcionamento da economia, criando o nível de emprego necessário para evitar uma explosão social generalizada, como pode ser antevista nos vários avisos deixados pela insatisfação da sociedade nas últimas semanas, disse ontem o secretário-geral do Ministério da Indústria e do Comércio, Marcos José Marques, depois de abrir seminário patrocinado pelo MIC para estimular as exportações.

A dívida interna, que poderá chegar a Cr\$ 20 trilhões até o final do ano, disse Marques, reduz a capacidade do governo de estruturar uma política capaz de financiá-la sem correr o risco do fracasso, porque ela estimula a rigidez das altas dos juros. Os bancos pagam alto na captação, conseqüentemente têm de emprestar a preço alto, disse. Existe só uma solução para o impasse, lembrou: alongar o perfil da dívida interna, num esquema semelhante ao esforço que se está fazendo com a dívida externa.

Partindo para "flexibilizar" no tempo o resgate da dívida externa, acrescentou Marques, será possível obter a redução das taxas de juros, porque o governo teria espaço para negociar com os compradores dos seus papéis suas respectivas remunerações. Marques aceita a conveniência de estudar a aplicação da correção monetária plena apenas sobre os papéis de médio e longo prazos e não sobre os de curto prazo, como ocorre hoje, como uma das medidas para reduzir os juros, assim como outras medidas em discussão, mas destaca que a tarefa é do presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, e não dele.

Entretanto, lembrou, enquanto as taxas de juro não baixarem é improvável a retomada dos negócios e maior o perigo de aumentar a reces-

são, colocando-se em risco a base industrial brasileira que, neste momento, padece consideravelmente de falta de liquidez. A sobrevivência do mercado interno, disse, depende da queda das taxas de juro e deve-se ressaltar que sem um mercado interno estável não será possível manter a política de exportação em prática.

MERCADO INTERNO

As exportações não crescerão, disse, se o mercado interno continuar instável, porque os recursos destinados a elas saem da receita de impostos que, por sua vez, dependem do funcionamento da economia, caso contrário, não haverá arrecadação suficiente.

A saída para o País, segundo Marcos José Marques, é preencher com exportações o espaço perdido com a queda de demanda do mercado interno, mas "uma coisa está ligada à outra, o mercado externo não sobrevive sem o mercado interno e este não pode ser destruído para favorecer aquele", disse Marques.

O governo tem, segundo Marques, de encontrar uma forma de compatibilizar a política monetária restritiva com as necessidades de sobrevivência do mercado interno para que se possa viabilizar a própria exportação.

Mostrou-se cético quanto à eficácia do acordo com o FMI prevendo redução da inflação para 55% e a zero o déficit público em 1984, duvidando da possibilidade do recuo drástico da inflação. O combate à inflação, ressaltou, essencial porque o próprio setor industrial deixou de seguir parâmetros estabelecidos pelas inflações previstas com antecedência para um ano ou até mesmo semestre, e está procurando, a-gora, conforme a sua previsão particular, que, naturalmente está carregada de pessimismo. A inflação, disse, deixou de ser ponto de referência para o empresário, pois julga que ela será maior do que se prevê oficialmente. "Assim, o combate à inflação tem de ser prioritário para defender o próprio sistema de valores da sociedade."